

*Estrada de Roma para Pescara,
Itália, novembro de 1453*

1

Os cinco viajantes a cavalo na estrada esburacada para Pescara faziam toda a gente virar a cabeça e olhar: a mulher que lhes levava cerveja aguada na estalagem à beira da via; o rapaz que se arrastava da escola para ir trabalhar na vinha de seu pai. Todos sorriam perante a radiância do casal na dianteira da pequena comitiva, pois eram belos, jovens e — como era bom de ver — estavam enamorados.

— Mas onde te parece que isto vai terminar, não me dirás? — perguntou Freize a Ishraq, a fazer que sim com a cabeça para Luca e Isolde, enquanto cavalgavam na estrada direita como um fuso que corria para leste na direção da costa do Adriático.

Estava um tempo de outono dourado e, embora os buracos fundos da estrada de terra batida fossem intransitáveis no inverno, agora passava-se bem, os cavalos eram robustos e os viajantes avançavam a bom ritmo rumo à costa.

Freize, um jovem de cara quadrada e sorriso pronto, poucos anos mais velho do que o seu amo, Luca, não esperou por resposta de Ishraq.

— Ele está completamente caidinho por ela — continuou — e, se tivesse vivido no mundo e conhecido uma rapariga antes, já saberia ficar de sobreaviso. Mas é uma criança magriçela saída do mosteiro, e deve pensar que ela é um anjo descido à Terra. Ela é loura e bela como qualquer fresco numa capela. Há de terminar tudo em lágrimas, ela deixá-lo-á destruído.

Ishraq hesitou em retorquir. Estava com os olhos escuros fixos nas duas figuras à frente deles.

— Porque é que partes do princípio de que será ele a sair magoado? E se for ele a deixá-la a *ela* destruída? — perguntou Ishraq. — Eu nunca vi Isolde desta maneira com nenhum outro rapaz. Ele é também o seu primeiro amor. Por mais que ela tenha sido educada para ser a senhora do castelo, não havia visitas de cavaleiros, não apareciam trovadores a cantar o amor. Não penses que foi como numa balada, com damas e cavaleiros e rosas lançadas de uma janela com grades; ela foi criada com grande rigor. O pai ensinou-a a ser a senhora do castelo e contava que ela governasse as terras dele. Mas o irmão roubou tudo e ela foi enfiada num convento. Estes dias na estrada são a primeira hipótese que ela tem de ser livre no mundo real — e a minha também. Não admira que esteja tão feliz.

» Seja como for, parece-me maravilhoso que o primeiro homem que ela conheça seja o Luca. Ele tem mais ou menos a nossa idade, é o homem mais bem-parecido que nós — quer dizer — que ela já conheceu; ele é bondoso, verdadeiramente encantador e não consegue tirar os olhos de cima dela. Que rapariga não ficaria enamorada dele à primeira vista?

— Há outro jovem bem-parecido que ela vê todos os dias — sugeriu Freize. — Prático, bondoso, com jeito para os

animais, forte, disposto, útil... e bem-parecido. Quer dizer: creio que a maioria das pessoas o acharia bem-parecido. Outras até diriam que é irresistível.

Ishraq adorava não pegar nas deixas dele, e olhou para aquela cara sorridente e para aqueles olhos azuis sinceros.

— Referes-te ao irmão Peter? — Ela olhou para trás deles, para o clérigo mais velho que os seguia com o jumento pela arreata. — Oh, não, ele é demasiado sério para ela, e nem sequer gosta dela. Na sua opinião, nós duas só vamos servir para vos distrair da vossa missão.

— Pois é verdade! — Freize desistiu de arrelhar Ishraq e voltou ao que o preocupava. — Luca foi encarregado pelo próprio Papa de tomar o pulso aos últimos tempos do mundo. Se o dia do juízo é para ser amanhã ou no dia seguinte — como todos parecem pensar —, ele não deveria passar os últimos momentos na terra aos risinhos com uma antiga freira.

— Pois eu creio que ele não poderia fazer melhor — disse Ishraq categoricamente. — É um jovem bem-parecido, a desbravar caminho no mundo, e a Isolde é uma rapariga belíssima que acabou de fugir ao domínio da família e às ordens dos homens. Que melhor maneira de passar os últimos tempos do mundo, senão a enamorarem-se?

— Pois tu só pensas assim porque não és cristã, és uma espécie de pagã — retorquiu Freize, a apontar para as pantalonas dela por baixo da capa esvoaçante e para as sandálias nos pés nus. — E não tens noção alguma da importância que nós temos. Ele tem de informar o Papa de todos os sinais de como o mundo vai acabar, de todas as manifestações de mal no mundo. Ele é jovem, mas já é membro de uma ordem importantíssima. Uma ordem secreta, uma ordem papal secreta.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Costuma faltar-me realmente a noção da suma importância dos homens. Tens razão em mo censurar.

Ele ouviu de imediato a onda de riso na voz dela, e não pôde deixar de ficar encantado com aquele forte sentido de independência.

— Nós somos importantes — insistiu ele. — Nós, homens, mandamos no mundo, e tu devias mostrar-me mais respeito.

— Mas tu não passas de um mero criado — arreliou ela.

— E tu não passas... do quê? — Contrapôs ele. — Uma escrava árabe? Uma erudita? Uma herege? Uma criada? Parece que ninguém sabe assim muito bem quem tu és. Um animal à guisa do licorne, que se diz ser muito estranho e assombroso mas que, na verdade, raramente se vê e, provavelmente, não serve para nada.

— Oh, não sei bem — disse ela, muito à vontade. — Fui educada pela minha belíssima mãe de pele escura numa terra estranha para ter sempre a certeza de quem sou — mesmo que mais ninguém o saiba.

— Um licorne, deveras — disse ele. Ela sorriu.

— Talvez.

— Certamente que tens o ar de uma jovem senhora de si. Não é nada típico de uma donzela.

— Mas é evidente que me pergunto o que nos irá acontecer, às duas — admitiu ela com ar mais sério. — Temos de encontrar o filho do padrinho de Isolde, o Conde Ladislau, e depois temos de o convencer a mandar o irmão dela devolver-lhe o castelo e as terras. E se ele se recusar a ajudar-nos? O que faremos então? Como é que ela voltará para casa? Naturalmente, se ela está ou não enamorada de Luca é o que menos nos preocupa neste momento.

À frente deles, Isolde lançou a cabeça para trás e riu-se alto de qualquer coisa que Luca lhe disse ao ouvido.

— Pois, ela parece preocupadíssima — observou Freize.

— Estamos felizes, *inshallah* — disse ela. — Isolde tem a mente desanuviada como não teve durante meses, desde a

morte do pai. Se, como pensa o teu Papa, o mundo vai acabar, mais vale sermos felizes hoje, e não nos ralarmos com o futuro.

O quinto membro do grupo, o irmão Peter, chegou-se a eles com a sua montada.

— Vamos chegar à vila de Piccolo ao pôr do sol — disse ele. — O irmão Luca não devia emparelhar com aquela mulher. Dá um ar... — O irmão Peter hesitou, em busca da reprimenda apropriada.

— Normal? — Sugeriu Ishraq com impertinência.

— Feliz — anuiu Freize.

— Impróprio — corrigiu o irmão Peter. — Quando muito, um ar informal, como se ele não fosse um jovem prometido à igreja. — O irmão virou-se para Ishraq. — A tua senhora devia viajar a teu lado, as duas de cabeça baixa e olhos no chão como donzelas de mente pura, e só deviam falar uma com a outra, e raramente e sem alarido. O irmão Luca devia viajar sozinho em oração, ou comigo em conversa ponderada. Seja como for, eu tenho as nossas ordens.

De imediato, Freize deu uma palmada na própria testa.

— As ordens lacradas! — Exclamou em tom irado. — Sempre que estamos a tratar da nossa vidinha e a caminho de algum lado, uma estalagem acolhedora à nossa frente, talvez uns dias sem nada para fazer além de alimentar os cavalos e de descansar, aparecem as ordens lacradas e vamos de escantilhão inquirir sabe Deus o quê!

— A nossa é uma missão inquisitiva — disse o irmão Peter em voz baixa. — Claro que temos ordens lacradas para eu abrir e ler em determinadas alturas. Claro que temos de ir inquirir. O próprio fulcro desta viagem não é — pense certa gente o que pensar — visitar estalagens acolhedoras, conhecer mulheres; mas, sim, descobrir sinais de que é chegado o fim dos tempos, o fim do mundo. E eu tenho de abrir

essas ordens ao ocaso deste dia, e descobrir aonde iremos a seguir e o que vamos inspecionar.

Freize levou dois dedos à boca e soltou um assobio estridente. De imediato, os dois cavalos dianteiros estacaram, obedientes a esse sinal. Luca e Isolde viraram e arrepiaram caminho até onde os outros estavam parados à sombra de uns pinheiros frondosos. O aroma a resina era potente como perfume no ar cálido da tarde. Os cascos dos cavalos pisavam o restolho e as sombras alongavam-se no chão de areia pálida.

— Novas ordens — disse Freize a Luca, seu amo, enquanto apontava com a cabeça para o irmão Peter, o qual tirava um manuscrito de cor creme, solenemente lacrado com cera carmesim e fitas, do bolso interior do casaco. Freize virou-se para o irmão Peter e perguntou, curioso: — Quantas mais é que tem aí guardadas?

O velho não se dignou responder ao criado. Com o grupinho expectante, quebrou os lacres em silêncio e desdobrou um papel cheio de goma. Leu, e eles viram-no soltar um suspiro de desapontamento.

— Voltar a Roma, não! — Pediu Freize, que não aguentava nem mais um momento de espera. — Diga-me que não temos de dar meia volta e regressar à vida antiga! — Freize viu o olhar divertido de Ishraq. — A inquirição é um dever difícil — corrigiu-se ele a tempo —, mas eu não quero deixá-la incompleta. Tenho o sentido do dever, das minhas obrigações.

— Tu preferes qualquer coisa a voltar ao mosteiro e a ser moço de cozinha — disse ela, e não se enganava. — Tal como eu prefiro estar aqui a servir de aia num castelo isolado. Pelo menos, estamos livres, e a cada dia acordamos a saber que qualquer coisa pode acontecer.

— Devo lembrar-lhes de que não viajamos por lazer — disse o irmão Peter, muito severo, sem ligar nenhuma aos

comentários deles. — Temos ordens para rumarmos à vila piscatória de Piccolo, de passarmos o mar até Split e de avançarmos para Zagreb. Depois tomamos o caminho dos romeiros até às capelas de São Jorge e São Martinho, na igreja de Nossa Senhora nos arredores de Zagreb.

Isolde soltou uma exclamação abafada.

— Zagreb! — Um pequeno gesto de Luca a estender a mão para ela — e depois a recolhê-la logo, pois lembrara-se de que não lhe devia tocar — denunciou-o também.

— Viajamos no caminho da Isolde — disse ele, a alegria na voz evidente para todos. — Podemos continuar juntos.

A centelha de concordância nos olhos azuis-escuros dela passou despercebida ao irmão Peter, absorto com as novas ordens.

— Devemos inquirir pelo caminho de tudo o que pareça fora do comum — leu ele. — Devemos parar e montar inquirição se encontrarmos algo que indique obras de Satanás, surgimento de medos do desconhecido, provas da maldade dos homens, ou do fim dos tempos. — Ele parou de ler e dobrou a carta outra vez, a mirar os quatro jovens. — Assim parece que, portanto, sendo Zagreb a caminho de Budapeste, e dado as senhoras insistirem terem de ir a Budapeste procurar o Conde Ladislau, é o próprio Deus a ditar que viajemos na mesma estrada que estas jovens senhoras.

Isolde já se tinha recomposto quando o irmão Peter finalmente a contemplou. Continuou de olhos baixos, com o cuidado de não mirar Luca.

— Claro que ficaríamos gratas pela vossa companhia — disse ela com timidez. — Mas trata-se de um caminho de romeiros. Não faltará quem siga o mesmo rumo. Podemos ficar com outras pessoas, não é preciso sermos fardo vosso.

O rosto rejubilante de Luca indicava-lhe que ela não era fardo nenhum, mas o irmão Peter retorquiu, antes que mais alguém pudesse falar.

— Certamente. O meu conselho é que, assim que encontrarem um grupo de senhoras com destino a Budapeste, se juntem a elas. Nós não podemos ser guias e guardiães vossos. Estamos ao serviço de uma grande missão; e as senhoras são jovens: por mais que tentem conduzir-se com modéstia, não podem evitar ser uma distração e um desvio.

— Salvaram-nos o rancho em Vittorito — observou Freize em voz baixa, e apontou com a cabeça para Ishraq. — Ela sabe lutar e disparar uma flecha, e também sabe de curativos. Custa a encontrar alguém mais útil para companheiro de viagem. Custa a encontrar melhor camarada numa jornada perigosa.

— Claramente distrações — repetiu o irmão Peter severamente.

— Como já disseram, elas deixam-nos quando encontram um grupo adequado — decretou Luca. O encanto por ficar na companhia de Isolde mais uma noite, e outra depois dessa, mesmo que fossem apenas mais algumas noites, era evidente para todos, especialmente para ela. Os olhos azuis-escuros de Isolde encontraram os olhos cor de avelã dele num olhar longo e silencioso.

— Nem sequer perguntas o que temos de fazer no recinto sagrado? — Indagou o irmão Peter em tom de censura. — Nas capelas? Nem sequer queres saber que há relatos de heresia que temos de descobrir?

— Com certeza que sim — disse Luca rapidamente. — Deves dizer-me o que temos de ver. Eu estudarei. Terei de refletir nisso. E criarei uma inquirição completa, e tu escreverás o relato a enviar ao mestre da nossa ordem, para o Papa ver. Faremos a nossa incumbência, como mandou o nosso mestre, o Papa e o próprio Deus.

— Melhor ainda, podemos comer um bom jantar em Piccolo — salientou Freize alegremente, a mirar o sol poente.
— E amanhã de manhã teremos tempo de nos ralarmos com o barco que nos levará à Croácia.

Piccolo, Itália, novembro de 1453

2

Do lado de terra, a pequena vila piscatória estava circundada por muralhas altas com um único portão que se fechava oficialmente ao pôr do sol. Freize chamou o guarda-portão, o qual abriu uma portinhola e meteu nela a cabeça a barafustar que os viandantes deviam ter mais respeitinho pelo regulamento, e não podiam entrar na vila depois de tocar o sino do recolher obrigatório e de as portas se fecharem para passar a noite.

— O sol nem acabou de se pôr! — Refilou Freize. — O céu ainda está alumiado!

— Já se pôs — retorquiu o guarda-portão. — Como é que hei de saber quem vocês são?

— Porque, como ainda não está noite cerrada, podes ver muito bem quem somos — contrapôs Freize. — Agora deixamos entrar, senão vai ser pior para ti. O meu amo é inquiridor do próprio Santo Padre, nós não podíamos ser mais importantes se fossemos cardeais.

A resmungar, o guarda-portão correu a portinhola e desceu ao portão. Os viandantes esperaram do lado de fora, na derradeira luz dourada do dia, e ouviam-no a queixar-se amargamente conforme alijava o portão ruidoso para eles entrarem. Finalmente, passaram todos debaixo do arco.

A vila não tinha mais que umas ruas estreitas do monte até ao cais. Os viandantes desceram das suas montadas e levaram-nas pela arreata até ao lado do cais, avançando com prudência no empedrado muito gasto. Tinham entrado pela porta oeste da muralha do perímetro que circundava toda a vila, onde havia uma porta trancada do lado norte e outra igual virada a sul. No caminho até ao porto viram, de frente para o mar escurecido, a única estalagem da vila com uma porta acolhedora escancarada, e janelas bem alumiadas pela luz das velas.

Os cinco viandantes levaram as montadas para o pátio dos estábulos, entregaram-nas ao moço de estrebaria, e rumaram ao átrio da estalagem. Pelas janelas entreabertas ouvia-se ondas a bater nas muralhas do cais, e entrava o cheiro a maresia e a redes de pesca. Piccolo era um porto concorrido com quase uma dúzia de barcos no pequeno cais, uns ancorados e balouçantes na baía, outros amarrados a argolas na muralha do porto. A vila tinha movimento mesmo com a noite outonal a cair. Os pescadores rumavam a suas casas, os últimos viandantes desembarcavam das embarcações mercantis que atravessavam o mar cada vez mais escuro. A Croácia ficava a menos de 150 quilómetros a leste e quem entrava na estalagem, a soprar nos dedos enregelados, queixava-se de um vento contrário que lhes prolongara a viagem em quase dois dias e os deixara gelados até aos ossos. Não tardaria a ser inverno, e seria tarde para viagens por mar para todos, menos os destemidos.

Ishraq e Isolde ficaram com o último quarto particular da casa, um espaço exíguo debaixo do teto inclinado.

Ocasionalmente, ouvia-se ratos a correr pelo soalho, e talvez também ratazanas, mas as duas donzelas não se deixaram afetar por isso. Estenderam as capas de montar em cima da cama e lavaram mãos e rosto na pequena bacia de barro.

Freize, Luca e o irmão Peter ficariam no quarto do sótão em frente, com mais meia dúzia de homens, como era habitual quando havia muitos viandantes e a estalagem estava cheia. O irmão Peter e Luca fizeram moeda ao ar pelo último lugar na cama grande e Luca perdeu, teria de se contentar com um colchão de palha nas tábuas. A estalajadeira pediu desculpas a Luca, cujo ar bem-parecido e boas maneiras chamavam a atenção onde quer que ele fosse, mas disse que a estalagem estava cheia nessa noite, e na noite seguinte ainda seria pior, pois corria o boato de que iria chegar à vila uma romaria impressionante.

— Só não sei é como vamos dar comida a toda a gente — disse ela. — Vão ter de comer sopa de peixe e pão e contentar-se com isso.

— Aonde é que vão todos? — perguntou Luca, e deu consigo envergonhado por ter esperança de que não seguissem a estrada para Zagreb. Estava desejoso de ficar sozinho com Isolde, e determinado para que ela não fosse com outro grupo.

— Jerusalém, dizem — respondeu ela.

— Que viagem! Que desafio! — Exclamou ele. Ela sorriu-lhe.

— Para mim, não — disse ela. — Já me chega o desafio de fazer litros de sopa. O que querem as senhoras para o jantar?

Freize, que umas vezes lhes servia o jantar, outras vezes comia com eles, conforme o tamanho da estalagem e a precisão de ajuda na cozinha, foi mandado à sala de jantar privada, por ordem da estalajadeira, e sentou-se com os amigos à mesa.

As raparigas saudaram-no com sorrisinhos. Ele fez uma vénia a Dona Isolde e reparou que o cabelo louro dela estava enrolado debaixo de um toucado simples, e os olhos azuis-escuros cuidadosamente desviados dos de Luca, o qual não conseguia deixar de lhe lançar olhadelas. O irmão Peter não ligava a ninguém, dava graças que nunca mais acabavam e Isolde e Luca rezavam com ele.

Ishraq manteve os olhos escuros bem abertos e ficou sossegada durante a oração. Nunca dizia as preces cristãs mas, e Freize reparou nisso — a espreitar por entre os dedos — parecia que ela aproveitava o tempo das graças para os seus próprios pensamentos silenciosos. Também não parecia que rezasse ao seu deus; tanto quanto Freize sabia, ela não levava tapete de oração com a pouca roupa e ele nunca a tinha visto virar-se para oriente. Ela era nisso, e em tanta outra coisa, um mistério, pensou Freize, e uma lei em si própria.

— Ámen — disse ele alto, quando percebeu que o irmão Peter tinha finalmente terminado e que já se podia servir o jantar.

A estalajadeira tinha-se esmerado e levava cinco iguarias para a mesa: dois tipos de peixe, carneiro guisado, faisão assado mas muito duro, e uma especialidade local, *piadine*, uma panqueca enrolada com recheio salgado e rico. Freize provou com espírito de aventura e declarou-a verdadeiramente excelente. Ela sorriu e disse-lhe que ele poderia comer *piadine* ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar, se lhe agradava assim tanto. O recheio mudava consoante a altura do dia, mas a panqueca era sempre da mesma receita. Também havia pão escuro e grosseiro quentinho a sair do forno e manteiga, e bolos de mel para a sobremesa.

Os viandantes comeram bem, esfomeados que estavam da longa viagem, e estiveram descontraídos e conversadores. Até o irmão Peter estava tão aquecido pela boa comida e

simpatia da estalagem que serviu um copo de vinho às duas jovens e lhes desejou «Salute».

Depois do jantar, as senhoras levantaram-se e deram as boas-noites, e Ishraq subiu ao quartinho, ao passo que Isolde se demorou nas escadas. Luca saiu casualmente da mesa e, dirigindo-se à porta da estalagem, calhou chegar ao fundo da escada a tempo de lhe desejar boa noite. Ela estava hesitante nos primeiros dois degraus, com a vela acesa numa mão, e ele pôs a sua na outra que ela tinha no corrimão.

— Parece que vamos viajar juntos mais algum tempo — disse ele, vacilante, a olhar para ela, que fazia que sim com a cabeça.

— Embora eu tenha que cumprir a palavra dada ao irmão Peter, de seguir com outro grupo se encontrarmos um — recordou ela.

— Apenas um grupo adequado — recordou por sua vez ele. Ela fez covinhas a sorrir.

— Terá de ser muito adequado — concordou ela.

— Promete-me que terá todo o cuidado a escolher?

— Terei muitíssimo cuidado — declarou ela, os olhos a dançarem, e depois falou mais baixo e acrescentou, com ar sério: — Não é com prontidão que o deixarei, Luca Vero.

— Não consigo conceber separar-me de si — exclamou ele. — Realmente não consigo imaginar não a ver logo pela manhã, não conversarmos durante o dia. Não imagino fazer esta viagem sem si agora. Sei que é tolice — só passaram umas semanas, mas considero-a cada vez mais...

Ele calou-se, e ela desceu um degrau da escada, ficou com a cabeça um pouco mais alta do que a dele.

— Cada vez mais? — Sussurrou ela.

— Essencial — respondeu ele com simplicidade, e subiu o primeiro degrau para ficarem finalmente ao mesmo nível. Estavam tão perto que era uma tentação beijarem-se, se

ele se inclinasse um pouco mais, ou se ela virasse o rosto para ele.

Devagar, ele inclinou-se um pouco mais; devagar, ela virou-se...

— Vamos planejar a viagem antes de nos irmos deitar? — perguntou secamente o irmão Peter à porta da sala de jantar. — Irmão Luca, não lhe parece que devemos planejar a nossa viagem para podermos começar bem cedo amanhã?

Luca virou-se para longe de Isolde com uma exclamação em voz baixa.

— Sim — respondeu — com certeza. — Depois desceu na direção do irmão Peter. — Devemos, com efeito. Boa noite, Isolde.

— Boa noite — disse ela docemente, e ficou a vê-lo voltar à pequena sala de jantar e fechar a porta atrás de si. Só depois de ele se ir embora é que ela levou a mão aos lábios, como se ansiasse pelo beijo que não pôde acontecer naquela noite, que não deveria acontecer de todo.